
Artigo Livre

O MITO DA DEMOCRACIA RACIAL, RACISMO E FUTEBOL: UM DEBATE SOCIOLOGICO

Maureci Moreira de Almeida

Mestre em Estudo de Cultura Contemporânea – ECCO/UFMT.

Francisco Xavier Freire Rodrigues

Doutor em Sociologia, Professor do Departamento de Sociologia e Ciência Política da UFMT.
Professor do Programa de Pós-Graduação de Estudos de Cultura Contemporânea – ECCO, do
Instituto de Linguagens da UFMT.

RESUMO

O presente artigo aborda a questão do mito da democracia racial no futebol, visto que a história deste último, como outras expressões da cultura brasileira, também foi e continua sendo marcado pela pecha do racismo. E foi no futebol que o mito da democracia racial adquiriu mais presença, sobretudo nos discursos jornalísticos e nas crônicas esportivas. E estas últimas têm como referência os escritos do jornalista e escritor Mário Rodrigues Filho, cuja obra até os dias de hoje é lembrada e citada em artigos, teses ou programas esportivos veiculados na televisão. Em nossas argumentações nos utilizaremos também do debate ocorrido entre os sociólogos Antonio Jorge Soares, Ronaldo Helal e o antropólogo César Gordon Jr., em que discutem a problemática racial no futebol tendo como referência a obra de Mario Filho. Ao final do artigo trazemos algumas considerações sobre o racismo à brasileira.

Palavras-Chave: Mito da Democracia Racial; Futebol; Mario Filho; Racismo.

THE MYTH OF RACIAL DEMOCRACY, RACISM AND FOOTBALL: A SOCIOLOGICAL DEBATE

ABSTRACT

This article approaches the myth of racial democracy issue in soccer, once the history of it, like other expressions of Brazilian culture, has been marked by the of racism strain. And it was in football that the myth of racial democracy has acquired more presence, especially in journalistic discourses and sport chronicles. And these last one are referenced to the work of the journalist and writer Mário Rodrigues Filho works, who's, to this day, it is remembered and quoted in articles, theses or sports programs aired on television. In our argumentation we will also use in the debate between the sociologists Antonio Jorge Soares, Ronaldo Helal and anthropologist Gordon Cesar Jr., in discussing racial issues in football using as reference the of Mario Filho's work. At the end of the article, bring some considerations about the Brazilian racism.

Keywords: Myth of Racial Democracy; Soccer; Mario Filho; Racism.

Introdução

Este artigo versará sobre o mito da democracia racial, o racismo e o futebol, visto que a história deste último, como outras expressões da cultura brasileira, foi e continua marcada pela pecha do racismo. Focalizaremos especialmente o mito da democracia racial, por pensarmos que está impregnado na sociedade, nos discursos jornalísticos e nas crônicas esportivas. Nesse caso, as mais famosas são do jornalista e escritor Mário Rodrigues Filho (1908-1966), cuja obra, “O negro no Futebol Brasileiro”, reúne boa parte delas. Apesar de já ser considerada antiga, até os dias de hoje é lembrada e citada em artigos, teses ou programas esportivos veiculados na televisão.

Trataremos com maiores detalhes da obra de Mário Filho mais adiante, relacionando-a a querela ocorrida entres os sociólogos Antonio Jorge Soares, Ronaldo Helal e o antropólogo Cesar Gordon Jr., e a conexão com o referido mito.

Mas seria importante, primeiramente, para compreender melhor esse debate, examinar de modo mais minucioso o termo democracia racial. Faremos isso de modo relativamente breve, alicerçados nos estudos do sociólogo baiano e professor do departamento de sociologia da USP Antônio Sergio Alfredo Guimarães. Este autor trata esse termo estruturado em uma visão histórica e sociológica.

De acordo com Guimarães (2001), ao se buscar a origem desse mito racial, está sempre relacionado à produção intelectual de Gilberto Freyre. Entretanto, o autor defende que ao fazer uma investigação cronológica do termo, encontrou-o nas expressões do mais aguerrido combatente intelectual brasileiro da ideia de democracia racial, Abdias do Nascimento, pronunciado no discurso da “Associação Brasileira de Imprensa” nos anos 1950 (GUIMARÃES, 2001). Mesmo assim, o autor não desconsidera que, talvez, a noção tenha sido inicialmente forjada numa conferência em que Gilberto Freyre usou uma expressão correlata. Guimarães afirma que: “[é] bem verdade que Gilberto Freyre, em suas conferências na Universidade do Estado de Indiana, já em 1944, usa uma expressão sinônima: ‘democracia étnica’” (GUIMARÃES, 2001, p. 148 [grifos do autor]), que acabou sendo incorporada ao senso comum e em alguns discursos ideológicos, como democracia racial. No campo acadêmico, Guimarães (2001) salienta que foi o antropólogo norte-americano Charles Wagley (1913-1991) que “[...] introduziu na literatura especializada a expressão que se tornaria não apenas célebre, mas a síntese do pensamento de toda uma época e de toda uma geração de cientistas sociais” (GUIMARÃES, 2001, p. 148). De acordo com isso, Wagley proclama que “[...] o Brasil é renomado mundialmente por sua democracia racial” (WAGLEY *apud* GUIMARÃES, 2001, p. 148). Então assim, somente Gilberto Freyre, nessa perspectiva, não poderia ser

O mito da democracia racial, racismo e futebol: um debate sociológico

responsabilizado pela difusão do termo democracia racial (GUIMARÃES, 2001). Como se pode notar, o campo acadêmico tem sua cota de participação na disseminação desse termo. Assim, ao final de suas argumentações, Guimarães apresenta uma ressalva ao dizer que na continuidade de sua pesquisa se deparou com outros textos do sociólogo francês Roger Bastide (1898-1974), que realizou diversos estudos sobre o Brasil.

[...] os três artigos de Roger Bastide sobre o “itinerário da democracia”, no terceiro dos quais aparece o que pode ser o primeiro uso da expressão “democracia racial”. Ao lado da democracia ética e racional de Bernanos, tratada em artigo anterior, Bastide encontra no Recife, inspirado por Freyre, a expressão cultural peculiar da liberdade, igualdade e fraternidade brasileiras (GUIMARÃES, 2001, p. 162 [grifos do autor]).

Justamente no terceiro artigo, como destaca Guimarães (2001), que aparece essa expressão, na visão de Roger Bastide, inspirada na liberdade e no clima de solidariedade dos brasileiros. Talvez, como hipótese nossa, este clima, supostamente amistoso das relações raciais brasileiras, acabou influenciando as percepções de Roger Bastide ao interpretar o racismo no Brasil. O fato é que esse termo sempre pairou na mentalidade de grande parte dos brasileiros, tanto no pensamento dos intelectuais quanto do senso comum, oscilando entre dois aspectos principais: o primeiro como mito e o segundo como um ideal a ser alcançado.

No caso do primeiro aspecto, Guimarães (2002) postula que para a militância negra e para alguns intelectuais brasileiros contemporâneos a democracia racial representa um mito que dá acesso para a interpretação do racismo e da cultura brasileira (GUIMARÃES, 2002).

Morta a democracia racial, ela continua viva enquanto mito, seja no sentido de falsa ideologia, seja no sentido de ideal que orienta a ação concreta dos atores sociais, seja como chave interpretativa da cultura. E enquanto mito continuará viva ainda por muito tempo como representação do que, no Brasil, são as relações entre negros e brancos, ou melhor, entre as raças sociais (Wagley, 1952) – as cores – que compõem a nação (GUIMARÃES, 2002, p. 168).

Nesta perspectiva, parece-nos que Guimarães alinha-se às concepções do antropólogo brasileiro Roberto DaMatta:

Não se pode negar o mito. Mas o que se pode indicar é que o mito é precisamente isso: uma forma sutil de esconder uma sociedade que ainda

não se sabe hierarquizada e dividida entre múltiplas possibilidades de classificação. Assim, o “racismo à brasileira”, paradoxalmente, torna a injustiça algo tolerável, e a diferença, uma questão de tempo e amor (DAMATTA, 1986, p. 32 [grifos do autor]).

Essa hierarquização da sociedade brasileira é herança, de acordo com DaMatta (1986), dos portugueses. Pois, estes quando chegaram ao novo mundo já traziam consigo toda uma concepção de hierarquia social e uma “legislação discriminatória” (DAMATTA, 1986, p. 31). Por exemplo, as discriminações em relação aos mouros, judeus e negros existiam na sociedade portuguesa muito antes de chegarem (DAMATTA, 1986) ao que hoje chamamos Brasil. O mito, desse modo, esconde, como explica DaMatta (1986), uma hierarquia social. Somos herdeiros, segundo o autor, de uma sociedade rigidamente hierarquizada. DaMatta (1986) defende que o mito das três raças¹ (negra, branca e indígena) sugere um encontro espontâneo e relativamente tranquilo entre elas. Com relação a esse ponto o antropólogo sublinha que fomos feitos “[...] por portugueses brancos e aristocráticos, [formados] dentro de um quadro rígido de valores discriminatórios” (DAMATTA, 1986, p. 32). O mito da democracia racial, provavelmente, esconderia isso ao alegar que o Brasil é o resultado da formatação, ajustamentos e misturas dessas três raças.

O segundo aspecto do termo diz respeito a um ideal a ser alcançado. Intelectuais negros, como Abdias do Nascimento e Guerreiro Ramos, conforme Guimarães (2001) pontua, “[...] justificavam seus objetivos políticos de desmascaramento da discriminação racial e de desrecale da ‘massa negra’ em termos daquele ideal” (GUIMARÃES, 2001, p. 152 [grifos do autor]). A discussão e “[...] o debate acerca da existência ou não do preconceito racial no Brasil ainda não punha em causa o consenso sobre a ‘democracia racial’, mesmo que polarizasse o seu significado” (GUIMARÃES, 2001, p. 152 [grifos do autor]). Havia na mentalidade brasileira um padrão ideal das relações raciais, apesar da falta de consenso entre as elites pensantes do Brasil, que ainda hoje não encontrou, de modo geral, este suposto consenso. Pois, a questão racial se tornou mais complexa por fazer parte não apenas das discussões dos militantes negros e intelectuais acadêmicos, mas também por se tornar parte de todo um conjunto legislativo que assegura a inserção dos negros em espaços nos quais eles estavam ausentes. Contribuindo com o acesso ao nível superior, concursos públicos e o estabelecimento do ensino de conteúdos de história africana e cultura afro-brasileira nas escolas de ensino básico, garantidos pela Lei 10.639 de 2003.

¹ O Mito das três raças diz respeito à formação da nação brasileira, em que o negro, o branco e o indígena se misturaram de maneira espontânea e naturalmente. Este mito acaba dissimulando e escondendo o drama que foi o encontro forçado, diga-se de passagem, desses atores sociais

Mário Filho e o debate intelectual contemporâneo sobre o racismo no futebol

Apesar dessa complexidade no debate, discussões e legislações em torno da problemática racial, o racismo continua presente, e ao mesmo tempo dissimulado na sociedade. Sendo que o mito e o ideal da democracia racial estão imiscuídos na cultura brasileira. É no futebol, como uma das expressões do gosto nacional, que o aspecto desse ideal está mais presente. Evidentemente que tal ideal foi uma construção histórica, com raízes na formação social e cultural do Brasil, mas que ganhou força principalmente nos discursos de intelectuais como Gilberto Freyre (1900-1987) e jornalistas como Mário Filho (1908-1966). Mário Filho foi influenciado, segundo o sociólogo Antonio Jorge Soares (1999-2001), pelas ideias de Gilberto Freyre ao tratar da história do futebol e do racismo no Brasil (SOARES, 1999). Nesse sentido, a história do futebol brasileiro teve um predomínio e contribuição da narrativa de Mário Filho. Contribuição esta, segundo Antonio Jorge Soares, romanceada e de pouco valor histórico e relevância. Na oposição dessa ideia, autores como Ronaldo Helal e César Gordon Jr., afirmam o valor histórico da obra do referido jornalista.

No entanto, segundo Soares (1999-2001), é preciso assinalar que houve três momentos narrativos na história que se integraram para descrever a vinda do futebol inglês para as terras brasileiras. Isso parece estar presente na obra de Mário Filho.

O primeiro momento narra a chegada do futebol e enfatiza a *segregação dos negros e dos pobres*, o segundo relata suas *lutas e resistências* e o terceiro descreve a *democratização, ascensão e afirmação* do negro no futebol (SOARES, 1999, p. 119 [grifos do autor]).

A chegada do futebol ao Brasil marca também, com o passar do tempo, uma forma narrativa que descrever as relações sociais e raciais que estão atreladas em seu campo. As ciências sociais, de acordo com Soares (1999), reproduzem esta narrativa justamente por encontrar validade e origem na obra de Mário Filho, “O Negro no Futebol Brasileiro”, com primeira edição em 1947 e reproduzido e acrescido de mais dois capítulos em 1964 (SOARES, 1999). Nos apontamentos críticos do sociólogo, a obra de Mário Filho funcionaria “[...] como história mítica que vai sendo atualizada adequando-se às demandas de construção de identidade e/ou às denúncias antirracistas, independentemente do piso sociológico, histórico ou antropológico do qual os textos afirmam partir” (SOARES, 1999, p.120). Essa história contada e narrada por diversas vezes ganha *status* de uma verdade. O que é descrito na obra de Mário Filho, de tanto ser repetido como verdade, forma uma estrutura explicativa simbólica e mítica, que acaba excluindo os processos argumentativos que

dizem como ocorreu a inserção do futebol no Brasil e sua “[...] popularização, democratização e construção do estilo brasileiro de jogar futebol” (SOARES, 1999, p.120).

A partir disso, podemos elencar as seguintes questões: a história do futebol e sua disseminação no Brasil estariam envoltas em um mito? E o que compõe um mito? Este último é “[...] uma história tradicional largamente conhecida no âmbito da cultura, que é creditada como uma crença histórica ou quase histórica, e que encarna ou simboliza alguns valores básicos de uma sociedade” (WATT *apud* SOARES, 1999, p.120). Soares (1999) sustenta que em “O Negro no Futebol Brasileiro” há todo um arcabouço mitológico que narra a consolidação do futebol no país, ressaltando as qualidades dos jogadores, principalmente dos negros. Nessa construção do mito do futebol brasileiro Mário Filho utilizou, como jornalista e um hábil escritor, uma estratégia de divulgação de suas ideias acerca do futebol, em que afirma:

Antes de sair em livro, *O Negro no Futebol Brasileiro* teve a mais ampla divulgação jornalística que se poderia desejar, pois foi publicado diariamente, durante cinco meses, no *O Globo*, o jornal de maior circulação da imprensa brasileira. E não apareceu uma refutação de quem quer que fosse, embora quase todos os personagens da história do futebol brasileiro estejam vivos, tenham lido as páginas reunidas neste volume. O que prova que o que está aqui é a verdade pura e simples (FILHO, 2003, p. 23[grifos do autor]).

Mário Filho (2003), assim, publica os textos de sua obra no jornal *O Globo*, como uma maneira de preparação da recepção de seu trabalho pelo público consumidor de notícias esportivas, e pelos interessados na cultura brasileira e nas questões raciais.

Soares (1999) destaca uma questão importante no aspecto geral da obra de Mário Filho: “[...] mas, poder-se-ia perguntar, que problemas haveria em usar Mário Filho como fonte de fatos e interpretações da história do futebol brasileiro?” (SOARES, 1999, p.120). O autor responde que não haveria problema algum se a obra não fosse tratada, no âmbito das ciências sociais, como quase única referência para abordar a história do futebol brasileiro (SOARES, 1999). A obra em questão tem sido aludida como prova, quase que inquestionável, nas interpretações e menções sobre as relações raciais no futebol brasileiro e o estilo nacional peculiar de jogá-lo (SOARES, 1999). Soares (1999), nesse sentido, constata que:

A carência de historiografia sobre o futebol converteu o [Negro no Futebol Brasileiro] em clássico, na verdade em laboratório de provas, sem passar pelo rigor da crítica. Um dos sintomas da carência, ou mesmo da ausência de fontes é o fato de os consumidores do [Negro no Futebol Brasileiro], que chamo de "novos narradores" [...] (SOARES, 1999, p.120 [grifos do autor]).

O mito da democracia racial, racismo e futebol: um debate sociológico

Os denominados novos narradores, conforme argumenta o autor, seriam os consumidores da obra de Mário Filho, que a trata como fonte privilegiada e original sobre a história do futebol brasileiro e as relações raciais implicadas nele. Desse modo, o autor inicia, no campo da sociologia do esporte, um debate muito fecundo entre sociólogos e antropólogos que estudam o futebol e as questões raciais, realizando uma crítica de como interpretam “O Negro no Futebol Brasileiro”. Os autores que Soares analisa e ressalta como novos narradores são os antropólogos brasileiros José S. Leite Lopes e Cesar Gordon Jr. (SOARES, 1999). De acordo com o autor, estes antropólogos citam em seus estudos a obra de Mário Filho como a mais significativa e importante fonte de pesquisa historiográfica sobre o futebol e a democracia nas relações raciais no Brasil (SOARES, 1999). Concebendo, assim, como fonte verdadeira, completa e objetiva de todo processo histórico do futebol brasileiro e das relações raciais. Embora, como afirma Soares (1999), estes novos narradores procurem também investir contra a ideologia da democracia racial, acabam, de certo modo, desconsiderando o contexto histórico e social no qual viveu Mário Filho e as influências que recebeu.

A tese fundamental de Soares (1999) na qual critica os cientistas sociais ao tratar da origem, história e das relações raciais no futebol brasileiro, é de que há um discurso politicamente correto na obra de Mário Filho que continua a ser reproduzido pelos novos narradores. Estes se baseiam em uma obra que tem um traço romântico e prosador muito acentuado, já que Mário Filho tinha uma escrita muito eloquente ao ressaltar as qualidades e os dramas vividos pelos negros no futebol brasileiro. Nesse sentido, Soares (1999) argumenta que:

A pedagogia antirracista e o ataque à idealizada democracia racial brasileira acabam sendo englobados ou engolfados pela força da narrativa de Mário Filho sobre a trajetória do herói negro no futebol. Contudo, o futebol não parece ser o local mais propício para observar o preconceito, a discriminação e a “segregação” que desejam apresentar os “novos narradores”, na medida em que eles próprios afirmam ter sido esse esporte um meio privilegiado de mobilidade social e não somente no Brasil. Ao mesmo tempo, por também desejarem anunciar o futebol como elemento central da identidade brasileira, acabam apontando a raça, a miscigenação e o racismo como “causas” da construção desse sedutor estilo de futebol que encanta a eles próprios e ao mundo (SOARES, 1999, p.142 [grifos do autor]).

Percebe-se que o autor destaca o futebol não como um espaço ou local mais adequado em que se poderia analisar o preconceito racial no Brasil. E por que não seria? Segundo Soares (1999), os novos narradores destacariam que houve, por meio do futebol, toda uma mobilidade social do

negro, e que o futebol também seria um elemento privilegiado na identificação da cultura brasileira (SOARES, 1999). Certamente é uma visão romanceada da problemática racial brasileira que o autor critica iniciando, dessa maneira, um debate que irá ter sua repercussão, sobretudo, entre os novos narradores.

Desse modo, Ronaldo Helal, um dos mais respeitáveis sociólogos do esporte brasileiro, e o antropólogo Cesar Gordon Jr. tecem uma resposta ao texto de Soares criticando sua tese, e evidenciam quatro pontos para elaborarem suas análises. Para o leitor que desejar conhecer melhor esse debate entre os autores citados, podem acessar a bibliografia ao final de nosso texto onde estão relacionados os endereços desses artigos que utilizamos para construir nossos escritos.

Assim, Helal e Gordon Jr. (1999) destacam quatro pontos principais na crítica a Soares. No primeiro ponto realçam que Soares afirma “[...] que Mário Filho não teria construído um estudo histórico ou sociológico sobre o negro no futebol brasileiro, mas um ‘romance’” (HELAL, GORDON JR. 1999, p. 148 [grifos dos autores]). Em um segundo ponto, os autores asseveram:

Na medida em que Soares procura desmontar o [Negro no Futebol Brasileiro] como uma obra histórica, acaba por recusar implicitamente a existência de fortes tensões raciais dentro do futebol, juntamente com a possibilidade de se extrair desse universo um conjunto de representações sociais sobre o negro e sobre a mestiçagem. Mais ainda, Soares expressa uma leitura idiossincrática do trabalho dos “novos narradores”, a quem acusa de superenfatar, como Mário Filho, o tema das relações raciais no futebol. Segundo ele, ao “denunciar” o racismo no futebol, os “novos narradores” estariam apenas seguindo os modismos do politicamente correto, que muito bem se adaptariam às preocupações nacionalistas e integracionistas de Mário Filho (e por isso se teriam utilizado de sua obra “para ‘provar’ que o Brasil foi e é um país racista” [Soares 1998: 283, ênfase nossa]) (HELAL, GORDON JR. 1999, p. 152 [grifos do autor]).

O terceiro ponto enfatizado pelos autores considera que:

Não acreditando no texto de Mário Filho como uma obra histórica e recusando a importância do idioma racista no futebol, Soares também rejeita a interpretação segundo a qual o futebol serviu, em alguma medida, como domínio de “democratização” e ascensão social e econômica de parte da população negra. Considerando a obra do jornalista como construção literária de um processo e não como descrição objetiva, Soares cai numa armadilha e passa a negar a existência do processo em si. Assim o podemos entender de suas críticas a Gordon (p. 187-195), a quem acusa de ter acreditado no processo de democratização racial contado por Mário Filho,

O mito da democracia racial, racismo e futebol: um debate sociológico

ou que “acaba convencido pelos argumentos de Mário Filho de que só teria descrito um processo” (1998: 193) (HELAL, GORDON JR. 1999, p. 156 [grifos dos autores]).

No quarto e último ponto Helal e Gordon Jr. (HELAL, GORDON JR. 1999) destacam:

Em vários momentos o texto de Soares dá a entender que, uma vez que as especificidades do futebol brasileiro foram uma “invenção” do discurso nacionalista, podemos chegar ao ponto de dizer que essas especificidades não existem. É fundamental, como faz Soares, perceber que a identidade nacional é uma construção que o discurso intelectual oficial, o discurso do Estado - nação, “essencializa”. Porém, o fato de que essa identidade é ou pode ser uma invenção que tem o Estado-nação por trás não suprime o fato de que ela é “real” depois de instaurada, de que ela tem uma eficácia (HELAL, GORDON JR. 1999, p. 159 [grifos dos autores]).

Helal e Gordon Jr. (1999) avaliam que o trabalho de Soares estaria constituído por uma junção desigual de duas teses. Conforme os autores, a primeira evidencia que Soares afirma que há um projeto de nação na obra de Mário Filho. Isso é realizado, de acordo com Helal e Gordon Jr. (1999), com muito brilhantismo pelo autor ao mostrar que há uma tendência dominante para tal projeto em “O Negro no Futebol Brasileiro”. Já a segunda tese assegura que tudo que está contido na obra do jornalista Mário Filho seria falso e sem muito valor histórico, pois apenas ressalta o mito em torno do futebol e seu desenvolvimento em terras brasileiras. E “[...] que em nada [contribuiria] para o ‘conhecimento científico’” (HELAL, GORDON JR. 1999, p. 161 [grifos dos autores]).

Os autores consideram que Soares conduz seus leitores, por meio de seus argumentos, a conclusões perigosas e apressadas sobre “O Negro no Futebol Brasileiro” (HELAL, GORDON JR. 1999). Estas conclusões são, pois, uma resistência ou mesmo uma recusa de abordar a obra de Mário Filho do ponto de vista historiográfico; a desconsideração de um discurso racial presente na história do futebol brasileiro que foi substituído “[...] pela questão do amadorismo x profissionalismo” (HELAL, GORDON JR. 1999, p. 162); certa dúvida no afrouxamento das tensões raciais no universo do futebol brasileiro; e, finalmente,

[...] a desconsideração da importância heurística da ideologia da identidade nacional, que Soares relega a uma “simples construção” da intelectualidade do Estado Novo, sem retirar daí questões que poderiam ser interessantes, por exemplo, sobre como essa simbologia se atualiza na prática, como ela pode ser acionada em determinados contextos e mesmo “assumida” pelos agentes etc. Portanto, se podemos sem dúvida louvar a primeira tese de

Soares, não podemos subscrever as implicações da segunda (HELAL, GORDON JR. 1999, p. 162 [grifos dos autores]).

As críticas desses autores, em relação à tese de Soares, suscitaram uma tréplica deste, e que a seguir detalharemos, procurando fazer uma síntese da resposta de Soares a Helal e Gordon Jr.

A tréplica de Soares: os novos narradores e a utilização da obra de Mário Filho como documento histórico

Nesta última seção apresentamos a tréplica de Soares (1999b) aos seus interlocutores. Isso será realizado, como anunciado anteriormente, de maneira sucinta, pois o espaço deste artigo exige que sejamos mais breves.

Assim, Soares (1999b) inicia sua tréplica reafirmando que os novos narradores praticamente utilizam a obra de Mário Filho como documento histórico privilegiado, não a contrastando com outras fontes. Tomam os enunciados e análises empíricas de Mário Filho como evidências e acriticamente. A utilização que Mário Filho fez de fontes, por exemplo, recortadas de jornal, colocam em dúvida a legitimidade do que diz, e os novos narradores apenas reproduzem isso sem muita parcimônia. Acabam, assim, ressaltando da obra de Mário Filho um aspecto, que segundo Soares (1999b), enfatiza uma dimensão racial e segregacionista, quando na realidade Mário Filho discursa a favor de uma integração entre as raças no Brasil (SOARES, 1999b).

Nessa vertente, Soares (1999b) salienta que:

Em nenhum momento, portanto, me “recuso a tratar o [Negro no Futebol Brasileiro] historiograficamente”. Apenas insisto e insisto que o NFB não pode ser a única fonte que deveríamos utilizar ou repetir ou parafrasear. Procurei destacar que necessitamos e devemos ampliar e aprofundar os levantamentos empíricos no campo da história do futebol, e dos esportes de modo geral. Estou, portanto, levando a sério os autores que afirmam que o futebol é um fenômeno importante da vida social, política e cultural brasileira. Se é importante, não podemos apenas repetir Mário Filho nem os que o repetem. Nesse sentido, afirmei que os “novos narradores” acabam reforçando a invenção da tradição realizada por Mário Filho (SOARES, 1999b, p. 167 [grifos do autor]).

A tréplica de Soares (1999) reafirma que a obra de Mário Filho tem importância historiográfica. Mas não deveria ser usada com único documento legitimador das relações sociais e

O mito da democracia racial, racismo e futebol: um debate sociológico

raciais no futebol brasileiro. A crítica pertinente de Soares (1999) procura descortinar o mito da democracia racial existente no futebol, sobretudo na primeira metade do século XX.

Seria importante observar que provavelmente Mario Filho recebeu influência das teorias racistas, que estiveram em vigor no Brasil do final do século XIX e início do século XX, que alimentava o desejo e o imaginário das elites brasileiras de transformar a nação em um país civilizado tecnológico e moralmente (HOFBAUER, 2011). Alcançar este estágio “civilizado”, não seria possível se negros e indígenas continuassem sendo a matriz produtora da população brasileira (MÜLLER, 2011). As elites, principalmente as formadas pelos grandes fazendeiros de café, reforçavam essa teoria anunciando que para resolver o problema “negro” no Brasil dever-se-ia importar, por meio da imigração, os europeus para as terras brasileiras. Contudo, segundo Müller (2011), a maioria dos imigrantes que se interessavam em vir para o Brasil era formada por pessoas com baixo nível de instrução e pouco conhecimento tecnológico. Os poucos europeus que tinham conhecimentos mais especializados preferiam ir para os Estados Unidos ou mesmo para a Argentina. Os de pouca instrução vinham para o Brasil. E eram justamente estes, os indesejados da Europa, os descendentes fragmentados da cultura europeia, que as elites brasileiras acreditavam que iriam melhorar e aprimorar a “raça” brasileira (MÜLLER, 2011).

O pensamento hegemônico branco acredita ainda, mesmo que já provado o contrário, que o Brasil é constituído por uma conjugação perfeita das “raças” (mesmo que raças humanas não existem biologicamente). Pode-se verificar como sugerido por Soares (1999), que esse pensamento hegemônico está também presente nos escritos de Mário Filho, quando ele se reportava ao negro e sua inserção no mundo futebolístico brasileiro. Assim, o discurso de Mário Filho se junta a outros para anunciar que o racismo à brasileira (DAMATTA, 1986) é diferente e menos cruel do que dos norte-americanos. Talvez isso seja instituído pela crença do mito da democracia racial, que invisibiliza o sofrimento e mascara o fosso entre negros e brancos no Brasil. Nessa perspectiva que pensamos que as críticas de Soares (1999) em relação à obra de Mario Filho se justificam.

No caso do futebol trazido por Charles Miller da Inglaterra começou por aqui burguês e aristocrático (HELAL, 1990), e se popularizou sem o consentimento de seus criadores, entre os negros e mestiços que em pouco tempo dominaram sua técnica.

Diante do que viemos discutindo, nos ocorrem as seguintes indagações: a obra de Mario Filho é pertinente para a história do futebol no Brasil? E para compreender as relações raciais em seu meio? A obra do jornalista enfatiza a democracia racial no futebol? Estas são algumas questões que nos inquietam cuja crítica de Soares, Helal e Gordon Jr. nos faz pensar na problemática racial no campo futebolístico, e suas consequências para a consolidação de uma identidade brasileira.

Considerações Finais

Procuramos ao longo deste texto abordar a questão do mito da democracia racial relacionada ao campo do futebol, e o debate ocorrido entre os sociólogos Antonio Jorge Soares, Ronaldo Helal, e o antropólogo Cesar Gordon Jr, que analisaram criticamente os escritos do jornalista Mario Filho, em que sugere uma democracia nas relações raciais, principalmente no meio futebolístico.

Portanto, o mito da democracia racial é algo ainda presente em muitos discursos, sobretudo no campo do esporte e do futebol em particular. Esse mito reforça o imaginário brasileiro de que vivemos em um ambiente em que as raças (este termo em sentido analítico (ver Guimarães, 2002)) interagem harmonicamente em um paraíso racial chamado Brasil.

Parece-nos, desse modo, que os escritos de Mário Filho (1947-1964) endossam o discurso do politicamente correto em relação à democracia racial no mundo do futebol (SOARES, 1999). Assim, é dissimulado e silenciado os dramas e sofrimentos daqueles que se dedicam ao futebol, sobretudo como prática esportiva, cultural e social. O mito e a ideologia da democracia racial estão incorporados nesse universo de forma sutil, e mostram-se profundamente arraigada nas relações sociais desse meio esportivo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DAMATTA, Roberto. O que faz o Brasil, Brasil? Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

FERNANDES, Florestan. O negro no mundo dos brancos. 2. ed. Revista – São Paulo: Global, 2007.

FILHO, Mario Rodrigues. O negro no futebol brasileiro. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. Racismo e antirracismo no Brasil. São Paulo: Ed. 34, 1999.

_____. Democracia racial: o ideal, o pacto e o mito. 2001. Disponível em: <http://novos estudos.uol.com.br/v1/files/uploads/contents/95/20080627_democracia_racial.pdf> Acessado em: 15. Ago. 2013.

_____. Classes, raças e democracia. São Paulo: Ed. 34, 2002.

_____. Preconceito e discriminação. São Paulo: Ed. 34, 2004.

_____. Preconceito racial: modos, temas e tempos. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

HELAL, Ronaldo. SOARES, Antonio Jorge. LOVISOLO, Hugo. A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

HELAL, Ronaldo. O que é sociologia do esporte. São Paulo: Brasiliense, 1990.

O mito da democracia racial, racismo e futebol: um debate sociológico

HELAL, Ronaldo. GORDON Jr., Cesar. Sociologia, história e romance na construção da identidade nacional através do futebol. 1999. Disponível em: <bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/download/2092/1231> Acessado em: 27. Ago. 2013.†

HOFBAUER, Andreas. O conceito de “raça” e o ideário do “branqueamento” no século XIX – Bases ideológicas do racismo brasileiro. Teoria e pesquisa 42 e 43 junho – julho de 2003. Disponível em: <<http://www.teoriaepesquisa.ufscar.br/index.php/tp/article/viewFile/57/47>> Acessado em: 22. Jun. 2012.

_____. Branqueamento e democracia racial: sobre as entranhas do racismo no Brasil. Disponível em: <http://andreashofbauer.files.wordpress.com/2011/08/branqueamento-e-democracia-racial_finalc3adssima_2011.pdf> Acesso em: 26. Jun. 2012.

JESUS, Lori Hack de. DALLABRIDA, Edmara da Costa Castro. Construção Social da Ideia de Raça. Cuiabá: EdUFMT, 2011.

LEITE LOPES. José Sergio. A vitória do futebol que incorporou a *pelada*. S/d. Disponível em: <<http://www.usp.br/revistausp/22/08-josesergio.pdf>> Acessado em: 28. Set. 2013.

MÜLLER, Maria Lúcia Rodrigues. Pensamento Social Brasileiro e a Construção do Racismo. Cuiabá: EdUFMT, 2011.

SOARES, Antônio Jorge. História e Invenção de Tradições no Campo do Futebol. 1999. Disponível em: <bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/download/2087/1226> Acessado em: 27. Ago. 2013.

_____. Futebol brasileiro e sociedade: a interpretação culturalista de Gilberto Freyre. 2003. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/subida/clacso/gt/20100920010258/9PII_Soares.pdf> Acessado em: 17. Ago. 2013.

_____. A modo de resposta. 1999. Disponível em: <bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/download/2091/1230> Acessado em: 28. Ago. 2013.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

***** Este trabalho contou com o financiamento da FAPEMAT - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Mato Grosso.**